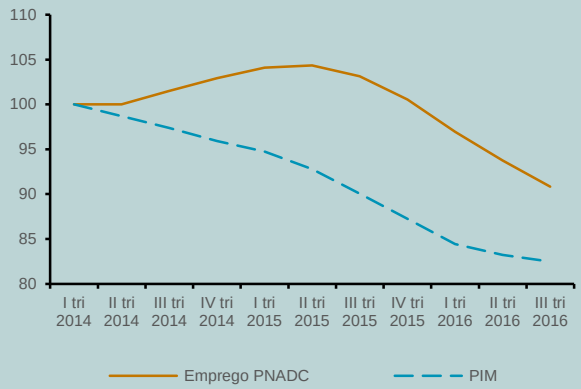
Evolução do emprego na Indústria

Gráfico 1 - Sudeste: Indústria Geral (MM4T)
I tri 2014 = 100



Este boxe identifica, em cada região do país, as trajetórias da produção e do emprego industrial nos últimos três anos, quando teve início o período de retração da atividade no setor. As séries foram obtidas a partir dos microdados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNADC)[1] trimestral e dos dados da PIM Brasil e Regional[2], ambas do IBGE, e a análise considerou as séries móveis de quatro trimestres (MM4T).

A evolução da produção e do emprego na indústria da região Sudeste mostra dinâmica similar ao ocorrido em nível nacional do 1º trimestre de 2014 ao 3º trimestre de 2016. Nesse período, a produção industrial e o emprego, na região acumularam recuos de 17,5% e de 9,2%, respectivamente, com eliminação de 544 mil postos de trabalho (Gráfico 1).

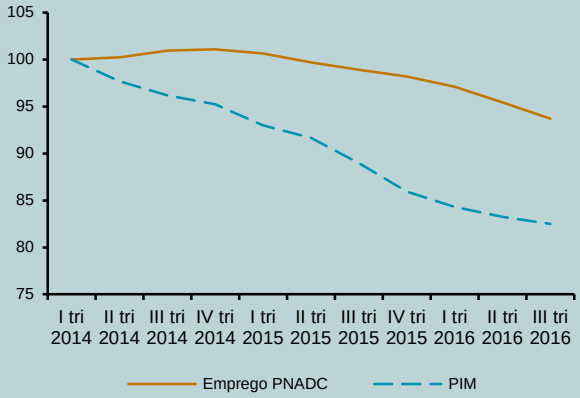
As atividades que mais diminuíram o quadro de empregados foram vestuário e acessórios (22,7% do total de postos perdidos), produtos de metal (20%), extrativa (14,6%) e veículos automotores (13,5%). Ressalta-se que a ocupação informal na indústria aumentou, explicado pela recomposição de parte dos empregos formais[3] com trabalhadores não formais e, principalmente, pelas contratações líquidas do segmento madeireiro, que apresenta alta informalidade.

O recuo mais intenso da produção sugere que o ciclo de ajuste do mercado de trabalho ainda pode prosseguir. O encerramento de acordos de *lay-off* (suspensão temporária do contrato de trabalho), das férias coletivas, e das adesões ao Programa de Proteção ao Emprego (PPE) podem implicar desligamentos adicionais, ao invés da reintegração. Por outro lado, um cenário mais otimista por parte dos empresários contribui para a retomada da

1/ A agregação das informações dos trabalhadores na PNADC, de acordo com os segmentos da PIM, foi possível pela identificação, nos microdados, da atividade principal da empresa, fornecida de acordo com a Classificação Nacional de Atividades Econômicas (CNAE 2.0), também utilizada pela PIM.
2/ Com exceção do Nordeste, foram consideradas as séries dos estados pesquisados na PIM, ponderados pelo Valor da Transformação Industria (VTI) dado pela Pesquisa Industrial Anual (PIA) de 2010. Para o Nordeste, o IBGE divulga mensalmente as informações da produção industrial, com detalhamento para algumas atividades.
3/ Na PNADC foram considerados trabalhadores formais: empregados na iniciativa privada com carteira assinada + empregados domésticos com carteira assinada + empregados no setor público com carteira assinada + militares e estatutários.

produção e a possibilidade de manutenção do emprego.

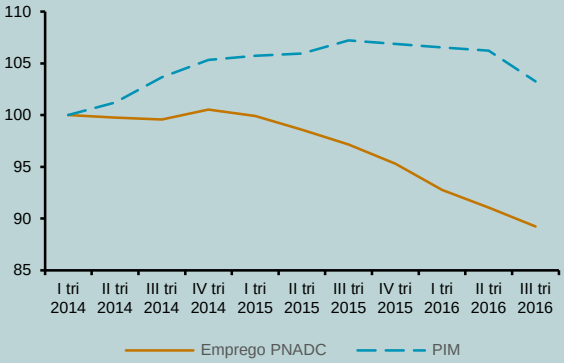
Gráfico 2 - Sul: Indústria Geral (MM4T)
I tri 2014 = 100



No Sul, a evolução do emprego industrial foi semelhante à do Sudeste, mas com queda também entre os trabalhadores informais. O recuo na produção industrial atingiu 17,5% no período, com redução de 6,3% no emprego, indicando também a possibilidade de futuros ajustes no mercado de trabalho (Gráfico 2), caso não ocorra retomada da atividade.

As atividades que mais contribuíram para a redução do emprego na região foram: produtos de metal (39% do total de postos perdidos) e calçados e artigos de couro (19%). Em sentido contrário, destaque para o incremento na ocupação dos segmentos de móveis e de papel e celulose. Esse último tem se beneficiado da maturação de investimentos, do incremento da demanda externa e de câmbio mais favorável, e apresentou crescimento de 1,2% em 2014, 11,7% em 2015 e 7,6% no acumulado até outubro de 2016.

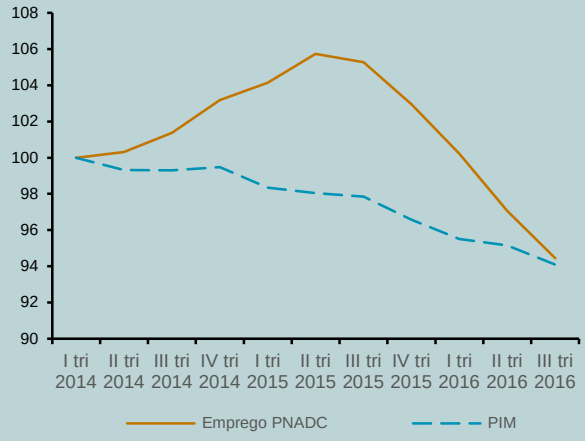
Gráfico 3 - Centro-Oeste: Indústria Geral (MM4T)
I tri 2014 = 100



A produção industrial, ao contrário dos recuos nas demais regiões, cresceu 3,3% no Centro-Oeste durante o período em análise. Por outro lado, o emprego industrial caiu 10,8% (eliminação de 82.460 postos), contribuindo para ganhos de produtividade na região (Gráfico 3).

Os ajustes no emprego industrial no Centro-Oeste ocorreram principalmente nos segmentos de vestuário e acessórios (40,7% do total de postos eliminados) e alimentos (32,8%).

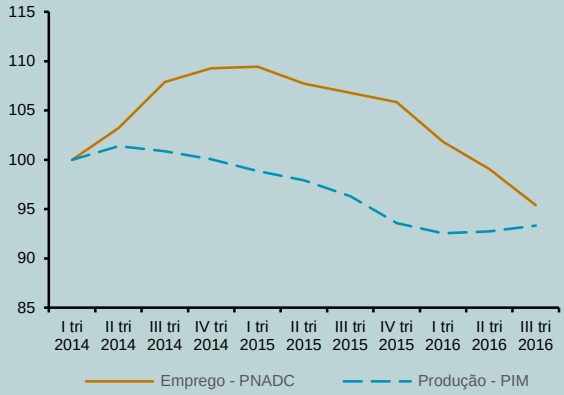
Gráfico 4 - Nordeste: Indústria Geral (MM4T)
I tri 2014 = 100



A produção industrial e o emprego recuaram com intensidades semelhantes na região Nordeste (5,9% e 5,6%, respectivamente). Ressalta-se a defasagem no ajuste do emprego industrial, que cresceu até o 2º trimestre de 2015, enquanto a produção seguiu tendência de queda desde o início do período de análise (Gráfico 4).

O segmento de vestuário e acessórios respondeu pela maior participação da contração do emprego industrial (42,5%). Similarmente ao ocorrido na região Sudeste, houve geração de postos de trabalho informais na região, favorecido pelas contratações nos segmentos de madeira e móveis (em sua grande maioria informais). Adicionalmente, o segmento de veículos automotores aumentou o

Gráfico 5 - Norte: Indústria Geral (MM4T)
I tri 2014 = 100



número de empregos, fato explicado, em parte, pelo início de produção de nova unidade na região.

O comportamento da produção e do emprego industrial na região Norte foi semelhante ao apresentado no Nordeste, com recuos em patamares próximos das variáveis em análise e defasagem do ajuste do emprego ao ritmo da produção (Gráfico 5). Neste sentido, a produção e o emprego industrial reduziram, no período, 6,7% e 4,6%, respectivamente.

O segmento de equipamentos de informática e produtos eletrônicos respondeu por 58% da queda no emprego na região, impactado pelo desempenho do polo industrial de Manaus, em função da retração da demanda no mercado interno e de importantes parceiros, como Argentina e Venezuela, e do aumento dos insumos pela alta do dólar.

Este boxe mostrou que houve redução generalizada do emprego industrial nas regiões em linha com o desempenho da produção do 1º trimestre de 2014 ao 3º trimestre de 2016. Nas regiões mais industrializadas e com maior formalização (Sudeste e Sul), os trabalhadores conseguiram, de alguma forma, preservar postos de trabalho e postergar um ajuste de maior intensidade no emprego. No Norte e Nordeste, apesar da defasagem, o ajuste do emprego ocorreu em taxas similares ao recuo da produção, sugerindo um possível novo ciclo de contratação com a retomada da produção. No Centro-Oeste, observaram-se ganhos de produtividade, com aumento da produção e recuo do emprego.